Luiza Araujo Jorge de Aguiar

CHICO MENDES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

Dissertação de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Maia do Bomfim

Nilópolis – RJ

2014

Aguiar, Luiza Araujo Jorge de

Chico Mendes e sua contribuição para a Educação Ambiental: reflexões para o
X Ensino de Geografia e Meio Ambiente / Luiza Araujo Jorge de Aguiar, 2014.

X 50 f.

X

Orientador(a): Dr(a) Alexandre Maia do Bomfim

Trabalho de conclusão de curso de Mestrado - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2014.

1.Chico Mendes. 2.Educação Ambiental Crítica. 3.Ensino de Geografia. 4.Ensino de Ciências. 5.Conflitos ambientais

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. Orientador(a): Alexandre Maia do Bomfim. Chico Mendes e sua contribuição para a Educação Ambiental: reflexões para o Ensino de Geografia e Meio Ambiente

Luiza Araujo Jorge de Aguiar

CHICO MENDES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

Dissertação de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências do Campus Nilópolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências.

Data de Aprovação: 22 de agosto de 2014.

_____

Prof. Dr. Alexandre Maia do Bomfim (orientador e presidente da banca)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

_____

Prof. Dr. Rodrigo Siqueira-Batista
Prof. Dr. Universidade Federal de Viçosa – UFV

_____

Prof. Dra. Giselle Rôças
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Nilópolis - RJ
2014

*Esse trabalho é dedicado a Professora **Ana Graça Valle de Carvalho**, a Nana, por sua constante luta por uma educação ambiental mais crítica e um ensino mais humano.*

AGRADECIMENTOS

A realização do mestrado não seria possível sem o apoio dos meus pais, Tania Araujo Jorge – minha "orientadora" das madrugadas de desespero contra o tempo – e Luiz Edmundo Aguiar, que sempre me estimularam a ingressar e permanecer na vida acadêmica.

Aos meus irmãos, Pedro e Julia que mesmo de longe, torceram e incentivaram.

Ao amigo Thayô, que me aguentou nos momentos de mau humor, me acompanhou na mudança do Rio de Janeiro para o Acre, nas visitas de campo dentro das florestas, nas horas de angustia quando eu pensei em desistir.

Aos colegas de mestrado da turma de 2012; aos colegas de mestrado da turma de 2013, Aline e Marcos; à Flora Gomes de Oliveira da Silva que me ajudou na pesquisa em Nilópolis.

Agradeço ainda e principalmente aos alunos das instituições onde a pesquisa foi realizada, o Instituto Federal do Acre, o Instituto Federal do Rio de Janeiro e o Colégio Pedro II; ao Sr. Raimundão, Sr. Nilson Mendes e Sra. Eliane; Professor Elder da UFAC, Sra. Claudia Cunha do ICMBio de Rio Branco – AC.

Agradeço ao meu Orientador Professor Alexandre Maia pela paciência e compreensão dos momentos de desespero e confusão.

Agradeço aos colegas de trabalho no Colégio Pedro II, Professores Osni, Arnaldo, Marcus Vinicius, Viviane, Danee, Iliany, Ricardo, Leonardo, Beatriz, Carolina Medeiros, Cristina Magela, Leandro, Vitor e tantos outros, que me apoiaram nas horas em que precisei deixar o trabalho de lado para me dedicar mais ao mestrado.

Aos colegas do IFAC, Ricardo Bezerra, Deborah Freitas, Maria Freire, Gracielle Hoffmann, Breno Pereira, Fabiana Padilha, Weysla Paula e Patricia Miranda pela imprescindível força enquanto estive no Acre, longe da família e dos amigos.

Às amigas Bruna Macedo, Michele Maia, Monique Pereira e Lilian Villanova, que me levaram pra esfriar a cabeça ao som mas culturas populares nas horas de estresse.

Agradeço em especial à Professora Nana, *em memória*, que me ensinou a amar e a trabalhar com educação ambiental, que acreditou em mim, sendo talvez a maior incentivadora do meu trabalho e uma das maiores torcedoras pelo sucesso, e que infelizmente nos deixou sem que visse a conclusão desse trabalho que, não poderia ser diferente, dedicado a ela.

Vamos dar valor aos seringueiros
Vamos dar valor a esta nação
Pois é com o trabalho desse povo
Que se faz pneu de carro e pneu de avião
Pois é com o trabalho desse povo
Que se faz pneu de carro e pneu de avião
Fizeram chinelinha
Fizeram chinelão
Inventaram uma botina que a cobra não morde não
Tanta coisa da borracha, que eu não sei explicar não
Encontrei pedaço dela em panela de pressão
(**Hino dos Seringueiros** em "Vozes da Floresta" de Marechal Thaumaturgo**)**

AGUIAR, Luiza Araujo Jorge de. Chico Mendes e sua contribuição para a Educação Ambiental: reflexões para o Ensino de Geografia e Meio Ambiente. 49 f. Trabalho de conclusão de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2014.

RESUMO

Esse trabalho nasceu a partir da reflexão sobre que tipo de educação ambiental estamos praticando, enquanto sociedade ocupante de um território rico em recursos naturais e ensinando nas escolas. Começamos a procurar de que forma esse tema e os atores mais significativos dessa área estão sendo trabalhados nas aulas de geografia, e chegamos então à figura de Chico Mendes. Vale ressaltar que o ano de desenvolvimento desse trabalho, coincidentemente foi o ano em que se completou 25 anos de morte desse ícone da causa ambiental, expoente do movimento seringalista e um marco para a questão ambiental. Sua luta embasou o conteúdo do sócio-ambientalismo, no enfrentamento, na responsabilização do Estado e Organismos Internacionais por ações desenvolvimentistas que não primavam pela sustentabilidade e ainda oprimiam os trabalhadores. Chico Mendes não era exatamente ambientalista, mas suas ações (os "empates" inclusive) ao lado dos seringueiros e em defesa dos povos da floresta, atrelou-o ao movimento ambientalista internacional. Buscamos então, identificar de que forma essa história foi e ainda é contada, como ela pode contribuir para a construção de uma Educação Ambiental Crítica nas escolas, mas especificamente ao ensino de geografia e meio ambiente. As pesquisas foram realizadas, em escolas públicas federais nos Estados do Acre e do Rio de Janeiro. O resultado das pesquisas indicou um conhecimento regionalizado (mais favorável ao Acre) acerca da vida de Chico Mendes, oriundo de fontes diversificadas, onde a escola cumpre um papel pequeno. Em que a "mídia" se apresentou mais presente. Diante desse diagnóstico, nos propusemos então, a desenvolver um material paradidático que pudesse contribuir para a construção de um pensamento critico a respeito da temática abordada ao longo desse trabalho, construído com os alunos do Colégio Pedro II.

Palavras-chave: Chico Mendes. Educação Ambiental Crítica. Ensino de Geografia. Ensino de Ciências. Conflitos ambientais.

AGUIAR, Luiza Araujo Jorge de. Chico Mendes and his contribution to environmental education: reflections for the Teaching of Geography and Environment. 49 f. Work of Master's Degree. Post-graduate studies in Science Teaching, Federal Institute of Science and Technology Education in Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilopolis, Nilopolis, RJ, 2014.

ABSTRACT

This work grew out of reflection on what kind of environmental education are practicing, as an occupying society of a territory rich in natural resources and teaching in schools. Started looking how this theme and the most significant players in this area are being worked in geography lessons, and then we come to the figure of Chico Mendes. It is noteworthy that the development of this year's work, coincidentally was the year he turned 25 years of death of this icon of the environmental cause, exponent of the rubber tapper movement and a milestone for the environmental issue. His struggle guided the fellowship contents of socio-environmentalism, confrontation, accountability of state and international organizations for development actions that do not primavam sustainability and even oppressed workers. Chico Mendes was not exactly an environmentalist, but his actions (the "draws" inclusive) side of the rubber and in defense of the people of the forest, hitched it to the international environmental movement. Nicer then identify how this story was told and still is, how it can contribute to the construction of a Critical Environmental Education in schools, but specifically to the teaching of geography and environment. The surveys were conducted in federal public schools in the states of Acre and Rio de Janeiro. The results of the research indicated a (most favorable Acre) regionalized knowledge about the life of Chico Mendes, coming from different sources, where the school plays a small role. In the "media" is presented more present. Given this diagnosis, so we set out to develop an paradicdatic material that would contribute to building a critical thought about the theme discussed throughout this work, built with the students of Colegio Pedro II.

Keywords: Chico Mendes. Critical Environmental Education. Teaching Geography. Science Teaching. Environmental conflicts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Nuvens de palavras a partir das respostas dos alunos ao questionário
Figura 2. Nuvem de palavras do próprio trabalho

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1. Biografias de Chico Mendes selecionadas

Tabela 2. Alunos que conhecem ou ouviram falar de Chico Mendes

Gráfico 1. Como conheceram ou ouviram falar de Chico Mendes

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID – Banco Interamericano do Desenvolvimento

CM – Chico Mendes

CP2– COLÉGIO PEDRO II

DS – Desenvolvimento Sustentável

EA – Educação Ambiental

EA-conservadora – Educação Ambiental Conservadora

EA-crítica – Educação Ambiental Crítica

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

IFAC – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

IFCT – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia

IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

IOC – Instituto Oswaldo Cruz

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96)

LITEB – Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

MP – Mestrado Profissional

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROPEC – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências

RESEX – Reservas Extrativistas

UC – Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIANTE DA APROPRIAÇÃO DE UM MITO.....15
2.1 ENCONTRO COM CHICO MENDES E DESTE COM A EDUCAÇÃO 17
2.2 OS DIFERENTES INTERESSES SOBRE CHICO MENDES ATÉ HOJE 20
2.3 APROXIMANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA DE CHICO MENDES 22
2.4 A LEGISLAÇÃO, O INCENTIVO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS 26
3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CHICO MENDES E NOSSAS ESCOLAS 31
3.1 A REVELAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: CHICO MENDES CONTINUA VIVO 35
3.2 ENFIM, QUE CHICO MENDES PARA AS ESCOLAS? 37
4 A CONSTRUÇÃO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL COM PROTAGONISMO JUVENIL.....43
CONSIDERAÇOES FINAIS.....47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48
ANEXO I 52

1 INTRODUÇÃO

A proposta inicial desse trabalho era trazer a contribuição de povos tradicionais (afrodescendentes) para a educação ambiental escolar. Entretanto, no decorrer do tempo fui trabalhar no Acre e me vi afastada geograficamente dessa ideia. Por outro lado, estava mais perto de outros povos tradicionais, considerando a nossa realidade brasileira: os "povos da floresta" (como Chico Mendes gostava de chamar). Porém, não chegavam a ser os índios (certamente os mais tradicionais de todos), mas um povo mestiço, muito sofrido, que tinha em suas raízes, os índios (inclusive), os negros (poucos) e os brancos nordestinos: os seringueiros. Então, por que não buscar o conhecimento desse povo ou a sua luta para construir uma Educação Ambiental Crítica?

Foi então que nos veio a ideia de trazer Chico Mendes para dentro da sala de aula, afinal, ele foi o líder dessa população tradicional e teve grande contribuição na formação do pensamento ambiental brasileiro.

Até então, ao longo do meu exercício do magistério, via muito mais uma Educação Ambiental como uma prática conservacionista e simplista. Portanto, buscar nos saberes tradicionais a forma de se lidar com o meio ambiente, se colocava como alternativa viável para uma mudança de paradigma e de comportamento, de forma concreta, não somente teórica, de se construir uma educação ambiental crítica. Diante disso, este trabalho se inspirou inicialmente em criar uma "sequencia didática" em que a história de Chico Mendes e seu legado contribuísse para a construção dessa educação ambiental crítica dentro da escola. Mas, acabou também se encantando em ampliar o conhecimento sobre esse mito, esse mártir, esse homem. Como também contou com a ajuda de jovens (do Colégio Pedro II) ávidos em aprender e participar.

Procuramos organizar esse trabalho em etapas, primeiro contextualizando a vida do Chico Mendes, sua importância no cenário nacional e internacional. Depois buscamos entender a relação dele com a educação e nos apropriar de sua história de vida como contribuição para um pensar diferente à Educação Ambiental. Apresentamos o resultado desse percurso aos alunos, de forma que pudessem não somente entender, mas obter formas criativas de reconstruir isso em suas próprias vidas e de sua realidade (ainda que essa fosse urbana e distante da Amazônia). Por fim, nos propusemos a criar um pequeno livro, um material complementar, resultado de nossa experiência, para que seja usado em sala de aula por outros docentes e discentes. E que Chico Mendes possa se tornar mote para se revisar a Questão Ambiental em qualquer novo contexto...

2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIANTE DA APROPRIAÇÃO DE UM MITO

Não é o suplício que faz o mártir, mas a causa.
(Santo Agostinho)

A ideia de fazer este trabalho nasceu de muitas inquietações sobre que tipo de Educação Ambiental (EA) estamos praticando, quanto sociedade e ocupantes de um território tão rico. Inquietações que se ampliaram no exercício de nosso fazer na educação formal, no momento em que formamos as futuras gerações ou quando precisamos trabalhar o conhecido conceito de "Desenvolvimento Sustentável" (DS), conceito que surgiu no relatório Brudtland e foi difundido durante a Conferência sobre o Meio Ambiente da Organização da Nações Unidas (ONU) realizada no Rio de Janeiro. Como professora de geografia e meio ambiente, comecei a procurar de que forma a questão ambiental com seus atores mais significativos vinham sendo trabalhados nas aulas. E numa oportunidade de estar atuando no Estado do Acre, um inevitável encontro aconteceu: com Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes (CM), figura chave desta pesquisa. Estive no Acre, coincidentemente, no mesmo ano em que se completava 25 anos da morte de CM – início de nossa pesquisa. Desse encontro, entre minhas inquietações e Chico Mendes, foram surgindo alguns questionamentos. De que forma esse ícone da luta pela causa ambiental e seu legado são vistos nas escolas? Que tipo de formação ambiental estamos fazendo? Qual seria a melhor maneira? Como os povos da floresta[1] fazem educação ambiental? E podemos fazer com e a partir dele? O que eles deixam para a Educação Ambiental? O que da luta deles há para nós, urbanos?

Optamos por investigar os saberes de alunos no Rio de Janeiro e no Acre sobre o mito, a história e a luta de CM. Quais seriam as fontes desses saberes e se (ou de que forma) são relacionados à questão ambiental. Fomos problematizar também o papel da escola na disseminação desses conhecimentos. Essa investigação buscou apreender e avaliar o legado que permanece do homem e do mito CM entre estudantes do Acre, da mesma forma com estudantes do Rio de Janeiro, traçando um paralelo.

Para isso, foi necessário conhecer e entender um pouco mais sobre quem foi CM, através de referências e algumas biografias e da apreensão de sua história e seus objetivos.

---

[1] Povos da Floresta era uma expressão muito prestigiada por Chico Mendes para definir os trabalhadores e moradores da Floresta Amazônica. (cf. CHICO MENDES, 1988)

Segundo Albuquerque (2013), a ocupação da Amazônia, teve inicio ainda no período colonial quando houve a ocupação de terras situadas além do Tratado de Tordesilhas. Desde lá, paulatinamente a região foi sendo ocupada, mas nunca de forma substancial. Por muito tempo continuou sendo para o restante como a "terra dos índios". Não obstante, no período do Governo de Getúlio Vargas passando pelo de Juscelino Kubitschek, muito devido a construção das rodovias Belém-Brasília e Brasília-Acre pôde se observar uma ocupação maior da região, ampliando-se ainda mais no Governo Militar (1964-1985). A ocupação do Estado do Acre, localizado na região amazônica, ocorreu devido à exploração da borracha. De acordo com Meira, o Acre pertencia a Bolívia, e em 1877 começou a receber imigrantes nordestinos para trabalhar na retirada do látex dos seringais. O governo brasileiro decidiu então, criar o Território Federal do Acre em 1904 e, por força da lei federal nº 4.070, o presidente do Brasil João Goulart elevou o Território Federal do Acre à categoria de Estado em 1962.

Ainda segundo Albuquerque (2013), devido a decadência da exportação da borracha produzida no Brasil ocasionada pela concorrência asiática, algumas áreas de seringais foram vendidas ou abandonadas, deixando os trabalhadores sem terra e sem sustento das famílias. Alguns latifúndios foram ocupados por aventureiros ou empresários que buscavam lucro rápido e transformaram áreas de floresta em pastos.

2.1 ENCONTRO COM CHICO MENDES E DESTE COM A EDUCAÇÃO

É nesse cenário que CM surge como figura importante no processo de construção da identidade de uma maioria trabalhadora atingida diretamente pelo avanço do desmatamento. O movimento social liderado por ele, se concretizaria como um dos mais importantes do Brasil, se tornando referencia na organização dos povos da floresta.

De acordo com Allegretti (2002 p.53):

> A luta dos seringueiros era, em primeiro lugar, de caráter sindical, com uma conotação muito definida de luta por justiça social. A identidade ambiental do movimento surgiu depois, fruto das alianças externas que realizaram com segmentos do ambientalismo internacional. Mas essa identidade somente foi possível porque já havia uma vinculação orgânica histórica com a floresta, derivada da vida e do trabalho nos seringais. A identidade foi possível também em decorrência dos confrontos que desencadearam contra os desmatamentos, pelo fato de a derrubada de suas colocações ameaçar direitos de posse adquiridos e transmitidos de geração em geração, por famílias nascidas e criadas na floresta.

Na década de 70, o Brasil surgiu no cenário mundial com suas preocupações ambientais. Nesse momento, na Região Amazônica, mais especificamente no Estado do Acre, CM, líder sindical, chamou a atenção da mídia e dos grandes centros com seus "Empates" em defesa dos direitos dos seringueiros contra a ação e expansão dos ruralistas e pecuaristas. Os "Empates" são ações coletivas onde os trabalhadores seringueiros formavam correntes humanas, de braços dados, na frente das máquinas a fim de evitar a derrubada de árvores. Uma forma de luta muito corajosa, geralmente desarmada ou com muita precariedade em relação ao poderio bélico dos latifundiários, consciente de sua causa e objetivos. Uma forma de luta que pode nos ensinar até hoje, contra os diferentes procedimentos da repressão dos poderosos, sejam os da Amazônia, sejam até mesmo os das cidades.

Em virtude de suas ações em defesa dos povos da floresta, em 1987, CM foi convidado para participar do encontro anual do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID). Seu discurso era contra os investimentos do BID na expansão da rodovia BR 364 que corta o Estado de Rondônia em direção ao Acre. CM afirmava que se a rodovia fosse asfaltada até o estado do Acre, uma parcela pequena de fazendeiros seria beneficiada e

comunidades rurais de seringueiros seriam diretamente afetadas, perdendo suas posses, assim como acontecera em Rondônia. Como diz Palmer (2006 p.300):

> Chico Mendes sabia que o futuro das florestas e dos seringueiros estavam inseparavelmente interligados; que para garantir o futuro das pessoas, as florestas tinham que ser protegidas e geridas por aqueles que entendiam o ecossistema e como viver sustentavelmente dele. Dos seus esforços surgiu o conceito de "reservas extrativistas", que são florestas legalmente protegidas para as pessoas que vivem e trabalham na terra de maneira sustentável.

Sabe-se que CM é até hoje uma personalidade de destaque quando o assunto é defesa do meio ambiente e principalmente da Floresta Amazônica e dos Povos da Floresta. De acordo com Ventura (2003, p.10):

> O *New York Times* já o havia considerado um 'símbolo de todo o planeta', o BIRD, o BID e o Congresso Americano apoiavam sua causa, a ONU já o premiara com o Global 500, mas ele precisou ser assassinado no dia 22 de dezembro de 1988 para ser reconhecido em seu país como um herói trágico que anunciou a própria morte.

A luta dos seringueiros encontrava uma barreira provocada por essa própria sociedade desigual, com conflitos extremos e sob o controle de grileiros e latifundiários: a falta de educação formal. O próprio Chico Mendes também passou por isso. Alfabetizou-se adolescente, e por conta disso, foi defensor incondicional da educação, como item indispensável para a transformação social (cf. SOUZA, 1990). CM, apesar da sua pouca formação escolar, tinha grande habilidade com as palavras[2], não sendo difícil se tornar referência e líder comunitário. De acordo com o retratado pela Antropóloga Mary Allegretti no filme *Chico Mendes: o preço da floresta* (ASTIZ, 2008), no final da década de 70, surge o Projeto Seringueiro, projeto de alfabetização dos trabalhadores rurais. Tal projeto, tinha o objetivo de dar não só a oportunidade de alfabetização aos seringueiros, mas a ferramenta para eles atuarem na luta em defesa de seus direitos sem que fossem enganados e massacrados pelos fazendeiros.

---

[2] De acordo com o filme "Chico Mendes, Preço da Floresta" (ASTIZ, 2008), a relação de Chico Mendes com a educação nasce quando seu pai recebeu a visita de um militante comunista, Euclides Távora, que começou a ensinar Chico a ler e escrever, não somente as palavras, mas o mundo.

Mary Allegretti, em sua tese de doutorado (ALLEGRETTI, 2002), afirma que "nas várias entrevistas que deu em sua vida, Chico Mendes sempre se referiu à ausência de escolas nos seringais como um dos elementos centrais do processo de dominação dos seringueiros pelos patrões" (p.356). Ainda, segundo a autora, dois fatores haviam sido identificados por CM como sendo responsáveis pela ausência de escolas nos seringais: (1) a alfabetização poderia levar os seringueiros a um grau de consciência e mesmo de entendimento técnico (como o que uma matemática poderia oferecer, por exemplo) que poderia fazer com que eles questionassem sobre a exploração a que eram submetidos; (2) e tirar uma criança do processo produtivo para colocar na escola. Nos dois casos, os seringalistas teriam problemas e prejuízo. Com isso, a educação viraria símbolo de libertação dos seringueiros em relação ao sistema de exploração. Garantir a Educação aos trabalhadores naquele contexto, por si só, já seria o início de uma ação revolucionária. De acordo com Allegretti (2002, p. 357) mais do que aprender o código da leitura, da escrita e das contas, construir uma escola representava o início de um novo momento na vida daquelas pessoas.

Segundo Rodrigues (2013), em 1981:

> (...) aconteceu uma reunião, dentro de uma comunidade seringueira, onde foi tratado pela primeira vez o assunto escola para Seringueiros. Na ocasião, essa ação coordenada por CM e a antropóloga Mary Allegretti (...) foi considerada por alguns coisa de quem queria se eleger nas próximas eleições. No ano de 1982, alguns seringueiros foram levados para Rio Branco para o tão sonhado curso de formação, onde seriam preparados para atuarem como professores/monitores. (...) Nesse mesmo tempo, foi construída na comunidade a sede da escola, em uma casa de chão-batido, coberta de palhas, com bancos de paxiuba [árvore de raiz alta, típica de áreas alagadiças como a Bacia Amazônica] e uma parede onde seria fixado o quadro negro. (...) Em 1984, as aulas tiveram início e a primeira turma estava formada com 36 alunos, composta dos que acreditavam e dos que não acreditavam no Projeto Seringueiro, que dava o suporte para a atuação dos professores/monitores.

De acordo com Allegretti (2002, p. 372), o material didático, criado exclusivamente e especialmente para os seringueiros, recebeu o nome de Poronga (lanterninha usada na cabeça pelos seringueiros para "alumiá" os caminhos).

> C. Marinho: Bom. É o sentido, o sentido de chamar o livro Poronga é o sentido que nós estamos no escuro por não saber ler. Entonce, vem o livro com as iniciais da Poronga fazendo a representação que é uma claridade, aquele livro é uma claridade que vem nos dar sobre o que trás prá o ensino nosso, né (Allegretti, 2002, p.387).

Antunes (2002, p.174), afirma que "CM utiliza a pouca instrução que recebeu para conscientizar os seringueiros, para lutar por sua alfabetização e contra a exploração". Se assim desejarmos, além de líder da luta dos povos da floresta, posto também como ambientalista, poderíamos tranquilamente colocar Chico Mendes entre os grandes defensores da Educação para os trabalhadores.

2.2 OS DIFERENTES INTERESSES SOBRE CHICO MENDES ATÉ HOJE

> Cada história é acompanhada por um número indeterminado de anti-histórias, cada uma das quais é complementar a outras... (Claude Lévi-Strauss)

Durante o tempo de trabalho de campo, foi dito por pessoas ligadas ao grupo de Chico Mendes e oposicionistas, diferentes opiniões a respeito dessa figura e de sua história. Foi até possível identificar, por um dos lados, a intenção de desconstruir o mito de herói de CM, ainda que tenha sido assassinado em prol de uma causa. Diferentes versões dessa história foram contadas, versões que vão do mais absurdo ao mais sério motivo de realização do crime. De qualquer forma, para não nos perdermos nesse caminho, vale sempre reforçar que CM e seu martírio é resultado de nossa incapacidade de realizar uma sociedade mais justa.

> Só aos poucos percebi o que se queria dizer: a morte anunciada, o choque provocado no mundo, o sentimento de culpa do próprio país, em especial do governo por não ter feito nada para impedir o crime, a tomada de consciência da sociedade para com a questão ambiental, tudo isso acabou apressando as conquistas, obrigando a se fazer depois da sua morte (...) (VENTURA, 2003 p. 226).

Não obstante, a versão mais difundida pela mídia e pelos livros, em alguns momentos é colocada em cheque, não exatamente por conta de algumas imprecisões, mas por grupos interessados em (re)contá-la de outra forma, por pessoas que também teriam vivido essa história. Adversários políticos de legendas diferentes as de Chico Mendes, chegam a dizer que ele foi capaz até de se aproveitar da questão ambiental para se eleger, se aproveitar politicamente. A oposição (geralmente ligada a grupo de fazendeiros ou a favor do desenvolvimentismo) ainda forte e presente no Estado do Acre, usa de meios para que sua imagem seja desmistificada (ou vá por outra mitificação, mais conveniente).

O fato é que independente do que queremos ler de Chico Mendes, ele foi um líder de trabalhadores que promoveu um tipo de enfrentamento aos poderosos, os "empates", numa

estratégia muito mais pacifista do que de guerra e foi martirizado. Um mártir que não se colocou como herói, mas alguém que queria seguir lutando, vivo:

> Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta até que valeria a pena. Mas, a experiência nos ensina o contrário. Então, eu quero viver! (CHICO MENDES, 1988)

Políticos de vertente contrária a Chico Mendes chegam a dizer:

> "Como conheço bem a história do Chico Mendes, porque sou da região, eu te digo que é uma farsa. Não tem nada a ver essa ideia de dar o nome dele a uma comissão ligada ao desenvolvimento - disse Moreira Mendes" [por Moreira Mendes do PSD-RO]. "Chico Mendes foi um factoide criado pelas ONGs" [Paulo César Quartiero do DEM-RR] (ÉBOLI, 2013).

É como se CM estivesse vivo, pois seus adversários se opõem a ele com a mesma vitalidade de seus algozes à época em que esteve à frente ao Sindicato dos Seringueiros em Xapuri. Na verdade, políticos que se opõe a história de CM, totalmente ligados ao agronegócio e políticas favoráveis aos grandes proprietários de terra (caso do Moreira Mendes e Paulo César Quartiero, citados acima).

Zuenir Ventura (2003) em seu livro, "Chico Mendes: Crime e Castigo", pontua bem isso, reforçando essa teoria de que existe um trabalho de desconstrução dessa imagem que ficou de CM. Na verdade, ninguém pode ir ao passado imune ao presente, deste, daqui questionamos e procuramos entender o passado[3]. As forças políticas em seus conflitos atuais influenciam como apreendemos o passado, ainda mais se formos ao passado reivindicar um mito. Tendo isso como um pressuposto, podemos nos perguntar: CM, vale a pena ser resgatado? Nossa hipótese é que sim. E o que de CM podemos resgatar a favor de uma EA-crítica?

---

[3] "Por definição, nós pertencemos a um presente. Toda história tem sua origem em uma interrogação que parte do presente. Isto não significa que o que o historiador apresenta como resultado não tenha uma relação com a verdade, com o que se passou. Com isso, temos que ser muito positivistas. Tratamos de uma realidade que existiu. Não é ficção, de nenhuma maneira. Mas a realidade é algo inesgotável. Então, por sorte, cada presente faz a investigação histórica renovar a perspectiva sobre o passado" (WACHTEL, 2012).

2.3 APROXIMANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA DE CHICO MENDES

Percebe-se que o debate ambiental vem se ampliando, ganhando mais presença na mídia. A Educação Ambiental vai se realizando nas escolas, mas ao mesmo tempo parecem poucas mudanças reais com respeito à preservação da natureza (BOMFIM, 2010), mais ainda, a degradação continua num ritmo maior do que qualquer restauro ou conservação. Após 25 anos da sua morte, o que CM ainda tem para nos dizer, lá do final da década de 1980?

No final do século XX, o Brasil passou a ser visto como um dos países que mais devastava o ambiente, entrou no cenário internacional, segundo Souza, (1990, p. 16) saiu de um estereótipo para outro:

> (...) deixou de ser o país da alegria para se transformar no algoz da natureza, no vilão corrupto e inconsequente, mestiço e culturalmente deformado, capaz de desestabilizar o meio ambiente apenas para garantir um excedente para pagar os juros da enorme dívida externa.

No Estado do Acre, principalmente, a questão ambiental ficou marcada e tomou novos rumos, consequência da luta liderada por CM. De acordo com Allegretti (2002, p.38), "o movimento dos seringueiros preencheu uma lacuna que faltava ao movimento ambientalista: o componente social e econômico para a defesa das florestas tropicais." Diante dessa realidade enfrentada por CM e seus companheiros, que uma educação ambiental (que se quer crítica), não apenas preservacionista, formadora de cidadãos críticos e conscientes, precisaria se realizar... E a escola, em tese, deveria ter papel de destaque nesse processo formativo. Não dá para dizer que essa escola surgiu, mas a demanda cada vez maior por ela, vai ficando clara para os militantes da causa dos trabalhadores da floresta e por conseguinte da causa ambientalista.

Um resultado importantíssimo alcançado com a luta dos seringueiros liderada por Chico Mendes, foi a conquista das Reservas Extrativistas (Resex). Antes dessa luta não havia na legislação brasileira, nada referente às Unidades de Conservação (UC), que pudesse ao mesmo tempo garantir o uso sustentável de uma área (no caso, da floresta e dos seringais) e garantir de presença dos trabalhadores. Esse processamento pode ser visto no trabalho da pesquisadora Claudia Cunha (2010), que traz a implementação e consolidação na legislação brasileira esse momento sobre as Reservas Extrativistas.

Segundo Allegretti (2008, p. 40):

> No Brasil, dois grupos tem direitos assegurados na Constituição de 1988: os indígenas e os quilombolas. (...) As demais comunidades rurais, especialmente as que vivem em florestas e na condição de posseiros, tiveram que conquistar o direito de obter o reconhecimento dos direitos de posse em modalidades apropriadas às características econômicas, ambientais e culturais que apresentam. Para isso, definiram e construíram socialmente os instrumentos jurídicos e as politicas publicas necessárias para tornar estas conquistas universais. O exemplo mais relevante é dos seringueiros que formularam uma politica especifica de reforma agraria e proteção ambiental, as Reservas Extrativistas, depois de mais de 10 anos de confrontos em torno da terra e dos recursos naturais.

Dois legados muito importantes já podemos ressaltar da luta de Chico Mendes à Educação Ambiental Crítica (EA-crítica): o caráter revolucionário que pode ter a educação e as conquistas territorialistas dentro da própria estrutura do capitalismo como algo a ser considerado (ainda que possa parecer uma contradição), no sentido de se pensar para além da propriedade privada em direção à propriedade coletiva.

Ao longo dos anos, diferentes expressões foram utilizadas para abordar o assunto, dando origem a termos como "Ecodesenvolvimento", "Desenvolvimento Sustentável" e "Sustentabilidade" (cf. LAYRARGUES, 1997). Entende-se que todos eles, de certa forma, surgem com o intuito de acatar a questão ambiental, mas nem sempre garantindo um questionamento (no mínimo) ao lucro exacerbado do capitalismo, ou ao que seria os limites de exploração dos recursos naturais. A luta desses seringueiros acabava por tocar na ferida de um país, exatamente incluso no Capitalismo Global como agroexportador.

Conforme Antunes (2002) afirma, CM era filho de seringueiro e ganhava a vida extraindo látex das seringueiras na floresta amazônica. Pobre e sem estudo, quando ainda criança, CM, também ingressou na profissão de seringueiro e aos nove anos já acompanhava o pai no seringal. Naquele momento era sua única opção, já que lhe foi negada a oportunidade de estudar. Várias versões a respeito de CM surgiram ao longo desses 25 anos seguintes à sua morte. Algumas dessas versões são tentativas levianas (conforme vamos entendendo e nos apropriando da história de CM) de destruição de uma imagem, que não foi internacionalmente difundida sem razão. Por outro lado, pode-se até acatar que os ambientalistas procuraram muito rapidamente atrelar a luta dos seringueiros à causa ambiental, embora essa causa não fosse tão evidente assim. Isso só foi acontecer depois, quando o próprio CM viu convergência entre as lutas. A luta de CM era pela sobrevivência dos seringueiros, mas acabou incorporando a luta pela floresta, pela causa ambiental, pela educação dos trabalhadores e, por fim, podemos agora dizer, até pela educação ambiental. Afinal, CM sonhava em ver toda a

floresta conservada porque sabia que ela poderia garantir o futuro de todas as pessoas que nela vivem.

Falar de educação ambiental não é uma tarefa fácil. Classificá-la então, menos ainda. De acordo com Loureiro (2009, p.85):

> O atual momento da educação ambiental no Brasil caracteriza-se pela explicitação das convergências e divergências, um momento de amadurecimento teórico e metodológico. Nossas análises sobre seus referenciais teóricos dizem respeito à educação ambiental como prática social e ação politica que exige, por consequência, claro posicionamento.

Da mesma forma que a recuperação histórica da imagem de CM exige posicionamento, a EA também. Nesse sentido, estudar e conhecer personalidades do movimento socioambiental brasileiro se faz importante, principalmente quando se tem, ainda hoje, uma grande parcela da população em situação de vulnerabilidade social e sem instrução, mas que utiliza dos recursos naturais como ferramenta de subsistência.

Chico Mendes, surgiu como figura importante nesse processo de construção de identidade de uma maioria desfavorecida. Com o tempo, se tornou líder do movimento em defesa da floresta e dos direitos dos seringueiros, enfrentando duramente os grandes fazendeiros que foram estimulados a ir para o Acre devido a oferta de terras para a criação do gado surgida com o modelo militar de exploração da Amazônia. CM era atuante na luta dos seringueiros, envolveu-se com a política partidária, mas sua causa sempre foi a luta pelos trabalhadores rurais, no caso da floresta. Conseguiu se eleger vereador e conduziu debates entre lideres sindicais, populares, religiosos e grandes fazendeiros, em um tempo ainda de ditadura militar. Só não conseguiu prosseguir para além disso, candidatou-se a Deputado Estadual (em 1986) e perdeu, não conseguiu vencer o poder dos grupos mais abastados (cf. ASTIZ, 2008).

Antes, em 1983, CM foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Os seringueiros, sob a liderança de Chico, diante de todo o conflito existente pela ocupação das terras em áreas de seringais, decidiram que a solução para os conflitos não era sair das “colocações” (vilas, espaços de convívio dos seringueiros) e sim ter o reconhecimento legal do direito as terras. Segundo Zuenir Ventura (2003, p. 228):

> O discurso dele foi evoluindo, enriquecendo-se e isso assustou os fazendeiros e chocou a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), com o qual foi o primeiro a romper. Ele assumiu o discurso do seu tempo. Não se tratava de obedecer a legislação do Estatuto da Terra. Nada de um lote para cada um. Ele percebeu rápido que vinte lotes ou cinquenta eu até cem era pouco pra quem já era dono da terra. (...) vamos usa-la coletivamente, não precisa cortá-la, separar e meter a cerca. Esse foi o seu grande salto. Chico passou a ser mais ambientalista que sindicalista.

Em 1985, como conta Allegretti (2008), aconteceu o I Encontro Nacional dos Seringueiros, onde a discussão girava em torno da reforma agraria, direitos de posse, destruição da floresta pelo desmatamento e as politicas que queriam para educação, saúde, cultura e infraestrutura. Desse encontro, tiveram-se dois resultados: a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros e formulação de uma proposta de reforma agraria inspirada no modelo das reservas indígenas e nas unidade de conservação, as Reservas Extrativistas, concebidas como territórios contínuos que não deveriam ser divididos, para usufruto de comunidades de tradição no uso de recursos naturais de forma sustentável.

Segundo Allegretti (2008, p.57):

> Esta política de criação de áreas protegidas para o uso sustentável de populações tradicionais teve êxito politicamente porque criou um mecanismo institucional de resolução de conflitos em torno da terra e da floresta; socialmente, porque assegurou meios de vida para as gerações atuais e futuras; culturalmente, porque respeitou formas tradicionais de uso dos recursos naturais; e ambientalmente, porque impediu o avanço dos desmatamentos. Tal resultado foi alcançado por meio da combinação de fatores endógenos e exógenos ao movimento dos seringueiros, tais como (...) a identificação do líder sindical Chico Mendes como símbolo ambiental após o seu assassinato, no contexto que antecedeu a Conferência do Rio em 1992. O resultado foi a transformação de problemas de âmbito local (...) em temas de interesse internacional.

Chico Mendes ficou conhecido mundialmente pela luta em defesa do meio ambiente e das populações tradicionais, se transformando em símbolo da luta pela Amazônia e os Povos da Floresta.

A importância que CM alcançou dentro do contexto político ambiental brasileiro levou-nos então, a buscar compreender como toda sua história e seu legado podem ser transmitidos aos educandos na tentativa de se construir uma educação ambiental crítica que respeite não apenas o natural, mas também considerasse os trabalhadores, a condição de cidadão, os grupos que formam as populações tradicionais e o vínculo que todos esses atores sociais possuem com o meio ambiente.

Após a morte de CM alguns de seus aliados alcançaram o poder (VENTURA, 2003) mas os latifundiários ainda mantêm forte influência na política local e para além do Acre, relacionados ao agronegócio. Vinte e cinco anos se passaram, mas muitos protagonistas daquele período ainda vivem e disputam, como se percebe em manchetes tais como a publicada em 2010, no jornal O Estado de São Paulo: "Viúva convive com os assassinos de Chico Mendes no AC" (CARDOSO, 2010).

A história ainda está sendo contada, deve-se ter ainda mais cuidado em retomá-la para não silenciar os vencidos (DE DECCA, 1985). O fato é que CM foi martirizado, foi morto por latifundiários e sobre sua vida convergiu a luta dos ambientalistas (os verdes) e a luta dos seringueiros, dos trabalhadores (os vermelhos) (LÖWY, 2005). A história pode ser revista, pode ser recontada, pode também se envolver itens menores e mesquinhos, mas ainda assim valerá a reflexão: qual o seu legado para a Educação Ambiental?

2.4 A LEGISLAÇÃO, O INCENTIVO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS

Este trabalho não se prontificou a fazer mais uma biografia de CM, e sim tentar apontar qual a contribuição de suas ações, dentro de um contexto da visão socioambiental, para a construção de uma educação ambiental crítica, que tentaremos definir mais à frente.

Optei por trabalhar com três escolas da rede federal de ensino básico, técnico e tecnológico: Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis, Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo II e Instituto Federal do Acre – Campus Rio Branco e Campus Xapuri. O trabalho foi realizado com um público parecido nas três instituições, com a expectativa que já tivessem contato com a temática ambiental nos seus conteúdos programáticos, em algum momento do currículo escolar.

A opção por trabalhar com as escolas da Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica se deu pela obrigatoriedade expressa na sua lei de criação, no inciso IX do artigo 6º da seção nº 2 do capítulo I da Lei 11892 de 29 de dezembro de 2008 que diz: "Os Institutos Federais têm por finalidades e características: (...) Promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente" (Brasil, 2008). Item importante também para mim, especialmente, porque tem relação com a minha atuação quanto professora, num primeiro

momento no Instituto Federal do Rio de Janeiro, atualmente no Colégio Pedro II e por fim, por estar num Mestrado Profissional dentro de um Instituto Federal de Ciência e Tecnologia (IFCT); e inclusive por ter trabalhado por um tempo no Instituto Federal do Acre (IFAC)[4].

Sob esse contexto que a pesquisa foi direcionada especialmente a essas escolas. Entretanto, primeiro é necessário conhecer e entender por que da criação da Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica.

De acordo com Aguiar (2011), no Brasil, quando se fala em educação profissional sempre se faz relação com o desenvolvimento, principalmente em seu viés econômico exploratório tanto dos recursos naturais quanto da força-de-trabalho. Não obstante, Aguiar defende que houve uma mudança nos últimos anos:

> (...) o governo federal, reconhecendo a potencialidade estratégica das instituições de ensino técnico e tecnológico federais, sua capacidade e qualidade de trabalho, começa a dialogar intensivamente com essa rede de formação, na perspectiva da inversão da lógica até então presente (pautada pelos interesses políticos e econômicos das elites). É nesse contexto que a criação de novas unidades a partir de uma distribuição territorial mais simétrica assume a condição de elemento estruturante de um processo voltado para um novo comportamento institucional. Essas instituições passariam assim, a se ocupar, de forma substantiva, de um trabalho mais contributivo, intrinsecamente voltado para o desenvolvimento local e regional endógeno, como expressão do compromisso como a melhoria do padrão de vida da população (2011, p.18).

Não é escopo deste trabalho problematizar o modelo de desenvolvimento, que nos últimos tempos, as escolas técnicas assumiram, mas é importante contextualizá-las, já que nosso objeto de estudo se constrói nelas. No caso, para um duplo desafio: avaliar como a questão ambiental penetra nelas e de que forma podemos influenciar[5].

Nos últimos anos, o número de escolas federais foi muito ampliado, gerando um maior alcance da rede (ainda que incipiente, considerando todo o Ensino Médio), implantando unidades de formação profissional em áreas desprovidas, principalmente nas periferias das metrópoles e nos municípios do interior, distantes dos grandes centros, com cursos articulados com as potencialidades locais de geração de trabalho e renda.

---

[4] Comecei minhas atividades com a Educação ambiental no IFRJ, em 2011 passei a atuar no Colégio Pedro II, lecionando geografia para o ensino médio. Em 2012, no ano em que ingressei no mestrado, fui convidada para atuar como Pró-Reitora de Assistência Estudantil no Instituto Federal do Acre, o que me deixou muito próxima da história de Chico Mendes.

[5] Considerando que estamos num Mestrado Profissional (MP), nossa pesquisa parte da realidade do trabalho, mas também se volta para ela, no sentido de influenciá-la, contribuindo para sua transformação.

Desde 2003 então, com a valorização da educação profissional no Brasil, a educação tomou diferentes rumos. Com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica, o Governo Federal buscou proporcionar uma educação de formação para inserção do indivíduo no mundo do trabalho de forma cidadã, com a expectativa de que os cursos oferecidos respeitassem as particularidades regionais. Com isso, foram criados de norte a sul do país, diferentes cursos técnicos. Nesse contexto, o estado do Acre recebeu uma dessas novas instituições, o que contribuiu para a realização desta pesquisa.

Estar no Acre justamente no ano em que se completava 25 anos da morte de CM, fez-nos ir atrás também dessa influência nova e potencial construção de uma educação ambiental. Nesse lugar emblemático para a Questão Ambiental Brasileira que é o Acre, partimos da hipótese de trabalho que conhecer a luta de CM pela preservação da floresta poderia valorizar a formação dentro de uma Educação Ambiental Crítica.

A nossa hipótese era de que o ensino dessa temática ambiental nas escolas não vinham sendo trabalhado adequadamente, nem mesmo como orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre os Temas Transversais de 1998. Nessa direção, a investigação começou sobre o conhecimento prévio dos alunos, na procura e na avaliação da presença do legado de CM na construção da EA, buscando também apreender como ficam as orientações apresentadas nos PCN.

A temática ambiental é bastante polêmica. Desde a segunda metade do século XX, ganhou espaço nas agendas governamentais em todo o mundo, bem como passou a fazer parte dos debates na sociedade civil organizada. Ao longo dos anos, cada vez mais, vem se tentando encontrar uma maneira para contornar o mau uso dos recursos naturais e tornar a convivência do homem com o ambiente algo equilibrado. Mas, não tem se visto avanço significativo a esse respeito. De acordo com Lima e Mourão (2007, p. 35), “as preocupações referentes às questões ambientais são históricas.” Diferentes expressões surgiram para tratar da possibilidade de continuar desenvolvendo sem prejuízos ambientais e garantindo assim um meio ambiente saudável às gerações futuras. O problema é que sendo para as gerações futuras e não às presentes, a definição fica mais imprecisa para o que seriam medidas, mais ou menos, eficazes. Durante a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, se fortaleceu a ideia de tratar, agir e pensar de forma diferente a relação com o ambiente. De acordo com o PCN (Brasil, 1998, p. 181):

> Por ocasião da Conferencia Internacional Rio 92, cidadãos representando instituições de mais de 170 países assinaram tratados nos quais se reconhece o papel central da educação para a 'construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado', o que requer 'responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário'. E é isso que se espera da Educação Ambiental, assumida como obrigação nacional pela Constituição promulgada em 1988.

Com tudo isso, surgiu a nossa curiosidade de entender como vem sendo construída a proposta de Educação Ambiental e se a luta liderada por CM em defesa da continuidade de uma cultura extrativista de subsistência dos povos da floresta, destacadamente os seringueiros e castanheiros, poderia influenciar, de alguma forma, a construção de uma EA-crítica. Segundo Lima (2009, p. 147),

> A educação ambiental – EA – no Brasil se constituiu como um campo de conhecimento e de atividade pedagógica e política a partir das décadas de 70 e, sobretudo, de 80 do século próximo passado. Ela já nasceu como um campo plural e diferenciado que reunia contribuições de diversas disciplinas cientificas, matrizes filosóficas, posições político-pedagógicas, atores e movimentos sociais.

Diante dessa pluralidade, a proposta é que essa educação se constitua crítica como alternativa, e para ser tratada dentro da escola.

Tomamos como base a definição de Educação Ambiental e "Crítica" muito próxima da compreensão trazida por Lima (2009, p. 148), quando diz que:

> (...) em um sentido particular à teoria educacional, podem-se considerar como críticas todas as práticas pedagógicas divergentes da prática educativa tradicional marcada por (...) uma organização curricular fragmentada e hierarquizada, neutralidade do conhecimento transmitido e produzido; e organização escolar e planejamento do processo de ensino e aprendizagem, concebidos como pura racionalidade, pautados em finalidades pedagógicas desinteressadas quanto às implicações sociais de suas práticas [grifo nosso].

Nesse sentido, a visão de educação entoada pelas populações tradicionais de seringueiros, reflete essa definição de educação ambiental crítica.

Fomos à LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96), para que nos orientasse acerca de educação ambiental. E aos PCN (Brasil, 2000, p.4), como responsáveis em cumprir "o papel de difundir a reforma curricular e de orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias". A primeira edição dos PCN data de 1997, quando foram propostos ao Ensino Fundamental nos seus diferentes ciclos. Em 1998, foram publicados os

PCN com orientações a respeito dos Temas Transversais: Ética, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural.

O PCN que trata do Tema Transversal Meio Ambiente, (Brasil, 1998, p. 182) diz que:

> (...) faz parte desse conjunto de ideias de que não se trata de ensinar de forma acrítica os conceitos da ciência da ecologia ou simplesmente reduzir a Educação Ambiental a uma visão esotérico-existencial. (...) Trata-se então de desenvolver o processo educativo, contemplando tanto o conhecimento científico como os aspectos subjetivos da vida que incluem as representações sociais, assim como o imaginário acerca da natureza e da relação do ser humano com ela. Isso significa trabalhar os vínculos de identidade com o entorno socioambiental.

Este documento trouxe a proposta de se trabalhar a educação como elemento indispensável para a transformação da consciência, dez anos depois da Constituição Federal de 1988 que obriga a existência da Educação Ambiental no Brasil. Entretanto, após analisarmos o documento, percebemos que tudo o que está sendo orientado a respeito de se trabalhar a Educação Ambiental nas escolas, pouco vem sendo cumprido. Ainda sobre os PCN:

> A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação (BRASIL, 1998, p. 187).

Diante disso, é surpreendente o fato das escolas pesquisadas não trabalharem a temática ambiental de forma crítica e o legado de CM para suas ações vinculadas à Educação Ambiental.

Foi com esse arcabouço teórico, sobre Chico Mendes, sobre sua luta, sobre nossa compreensão do que seja a legislação e nosso comprometimento com o que seja uma Educação Ambiental Crítica que fomos estudar as escolas, no capítulo seguinte.

3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CHICO MENDES E NOSSAS ESCOLAS

> Comecei a articular uma discussão com meus companheiros. Como sabia ler, comecei a descobrir o quanto a gente era roubado. (Chico Mendes em entrevista para a Secretaria de Meio Ambiente da CUT em 9 de setembro de 1988)

Inicialmente, a proposta deste estudo provavelmente era somente avaliar a presença de Chico Mendes (CM) nas escolas, mas depois foi se tornando também a necessidade de levá-lo para as escolas. Chico Mendes valorizou a Educação como poucos, sua alfabetização foi tardia, mas se deu de forma revolucionária, ele compreendeu, mesmo com muito esforço[6], o quanto poderia ser libertária e desejou isso para seu povo.

Desse modo, para a realização desta parte trabalho, foi feito primeiro um levantamento bibliográfico e documental. A pesquisa foi iniciada em bases de dados como o Scielo, o Google Acadêmico, ERIC - Educational Resources Education Center e o Portal de Teses Capes, uma vez que com a internet poderíamos avaliar o impacto que nosso objeto de estudo (advindo lá da década de 80) ainda alcança hoje.

Além da busca nesse ambiente, também acessamos a biblioteca da Universidade Federal do Acre, em busca das informações mais gerais sobre CM. No caminho da virtualidade incluímos também o *site* do *youtube* (www.youtube.com), para busca de vídeos e documentários diversos.

Durante um ano, o estudo também aconteceu *in loco,* no estado do Acre. Parte de nosso trabalho de campo pode acontecer algumas vezes no município de Xapuri[7]. E foi uma grande oportunidade, poder conhecer o local onde viveu e morreu CM e as pessoas que conviveram com ele ou pela história dele ainda são influenciadas. Não chegamos a constituir uma metodologia etnográfica ou de "pesquisa participante" (cf. GEERTZ, 1989), mesmo porque não tínhamos como fazer um mergulho maior naquela realidade, além do mais, nosso foco sempre continuou sendo as escolas. Mas, essa aproximação foi indispensável para desenvolvermos a pesquisa.

---

[6] Chico Mendes foi alfabetizado já adulto, por Euclides Fernando Távora, um exilado da Intentona Comunista. Nas palavras do próprio CM: "Assim, de 1962 a 1965 eu saía todos os sábados da selva e ia para a casa dele, caminhando três horas pela mata. Ele começou a me ensinar a ler, aos sábados e domingos até de madrugada, pois segunda-feira tinha que voltar a trabalhar" (MARTINS, 1998, p. 88).

[7] Segundo dados do IBGE, Xapuri é um município do estado do Acre, localizado a aproximadamente 175 km da Capital Rio Branco. É conhecida como a Princesinha do Acre. Tem 5.250,931 km^2 de extensão, 16.016 habitantes e uma densidade demográfica de 3.05 hab/km^2. Fica a 150 metros do nível do mar, localizado geograficamente a 10º39'07"S 68º30'14"O.

As visitas ocorreram com o intuito de reconhecer o local de atuação do líder seringueiro e conversar com alguns de seus companheiros, seringueiros e sindicalistas, bem como demais pessoas que conviveram com ele, a fim de me aprofundar mais um pouco a respeito dele e de seu envolvimento com o luta ambiental, além de coletar os dados com os alunos do Campus. Durante as visitas a cidade de Xapuri, ouvi muito a respeito de CM, diferentes histórias foram contadas e diferentes reações percebidas.

Iniciei o trabalho formulando dois blocos de questões orientadoras para o desenvolvimento da pesquisa, que serviam como guia para dialogar com as pessoas, os atores do passado e presente daquela realidade, mas depois para exatamente (como um questionário mesmo) chegar às escolas:

a. Chico Mendes, sua história, suas práticas, sua luta e seu legado à Educação Ambiental: Quem foi Chico Mendes? O que motivou Chico Mendes? Que relação ele tinha com o movimento ambientalista? Qual o legado de Chico Mendes para a Educação Ambiental?

b. Saberes dos alunos das escolas sobre as práticas de Chico Mendes relacionadas a educação ambiental: O que os alunos conhecem sobre Chico Mendes e seu legado? De onde vem esse saber? Que relação fazem das práticas de Chico Mendes com a temática ambiental?

Essas perguntas podem ser resumidas na questão central do trabalho: o legado de Chico Mendes está presente na educação ambiental escolar e de que forma?

Definidas as questões norteadoras, fui em busca das respostas. Primeiro trabalhei com a coleta de informações advindas dos alunos. A pesquisa com os alunos aconteceu através da aplicação de questionários, sem identificação dos estudantes, identificando apenas os cursos, séries e instituições. Após a explicação do objetivo da pesquisa aos alunos, aplicamos o questionário com perguntas sobre: 1. Se conheciam Chico Mendes. Em caso de resposta negativa, eles deveriam parar por aqui; se a resposta da primeira pergunta fosse positiva, eles deveriam seguir respondendo: 2. como o conheceram ou ouviram falar; 3. O que sabiam sobre ele; e 4. Qual relação haveria entre Chico Mendes e a questão ambiental. (O modelo do questionário pode ser encontrado no anexo I).

De imediato, para analisar as respostas dos alunos, usamos um programa chamado *Wordle* (de livre acesso, encontrado no endereço eletrônico: www.wordle.net). Uma

ferramenta muito interessante, que faz uma espécie de mineração de texto (*text mining*[8]), faz-se inserção das frases registradas pelos alunos e o programa constrói uma nuvem de palavras onde o tamanho de cada uma delas é proporcional ao número de vezes em que aparece no conjunto. Quanto maior, mais vezes a palavra apareceu. Foram tratadas separadamente os registros de palavras de cada *campus*. Recorremos a essa ferramenta para que não influenciássemos nossa própria interpretação com um olhar tão imediatamente enviesado e também para que pudéssemos alcançar uma imagem, à nossa frente, para observá-la e depois tentar algumas inferências.

Inicialmente, tentamos apreender junto aos alunos o que havia de CM sem a nossa interferência. Mas, conforme a pesquisa caminhou, depois de alguns resultados de campo e de alguns questionários, começamos com estratégias para reverter o quadro que estava se desenhando já com os primeiros resultados: da pouca presença de CM entre os alunos. Numa direção de uma pesquisa ativa, não exatamente caracterizada como uma "pesquisa ação" (cf. THIOLLENT, 2004), porque essa não foi a proposta, mas de uma pesquisa que retrata nossa própria realidade de trabalho, numa relação dialética (algo esperado para um Mestrado Profissional, fomos elaborar sequencias didáticas e materiais educativos complementares para introdução de CM nas atividades de sala de aula), com o intuito de provocar uma mudança de pensamento nos alunos. E é essa sequência de atividades que constituirá nosso outro resultado de pesquisa, além dessa dissertação: um 'produto educacional', no caso um pequeno livro, que será outra forma de compartilhar nossa experiência (que esperamos possa ajudar outros educadores), que desenvolveremos mais adequadamente em capítulo posterior.

A partir desse levantamento bibliográfico mais amplo, selecionamos cinco fontes biográficas de CM que continham elementos relevantes para o nosso objeto de estudo tais como as ações de CM em relação à educação dos seringueiros, a sua formação como liderança, entre outras. Isso somado as pesquisas de campo, em território acreano nas cidades de Rio Branco e Xapuri contribui também (ao menos para nos contextualizarmos) para alguma recuperação da história.

---

[8] "Mineração de textos, também chamado de mineração de dados textuais ou descoberta de conhecimento de bases de dados textuais é um campo novo e multidisciplinar que inclui conhecimentos de áreas como Informática, Estatística, Linguística e Ciência Cognitiva. Mineração de textos consiste em extrair regularidades, padrões ou tendências de grandes volumes de textos em linguagem natural, normalmente, para objetivos específicos. Inspirado pelo data mining ou mineração de dados, que procura descobrir padrões emergentes de banco de dados estruturados, a mineração de textos pretende extrair conhecimentos úteis de dados não estruturados ou semi-estruturados" (ARANHA e PASSOS, 2006)

Na Tabela 1, tabulamos as cinco biografias que selecionamos, maior fonte de nossa reflexão teórica, que estão aqui para apresentar nosso processo de apropriação da história de CM até chegar às escolas. Essas biografias foram selecionadas mediante a percepção da relevância delas para o trabalho, a partir de uma leitura prévia, conforme os critérios indicados na tabela.

Tabela 1: Biografias de CM selecionadas

Autor	Ano	Título	Critério
MARTINS	1998	Chico Mendes: Um povo da floresta.	Traz elementos biográficos inseridos no contexto ambiental que nos interessava.
SOUZA	1999	O Empate contra Chico Mendes.	Autor traz um contexto histórico dos (denominado por Chico Mendes) "Povos da Floresta".
ALLEGRETTI	2002	A Construção Social de Políticas Ambientais – Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros.	Autora de grande referência na temática que atuou próxima a Chico Mendes.
ANTUNES	2002	Alguns traços da trajetória de Chico Mendes.	Autor traz questões importantes das ações do Chico.
VENTURA	2003	Chico Mendes: Crime e Castigo: Quinze anos depois.	Jornalista que cobriu o assassinato de Chico Mendes e depois o julgamento dos assassinos. O autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta.

Fonte: elaboração própria.

Após a leitura dessas cinco fontes secundárias, ficou mais claro que a história desse homem não somente valeria a pena ser recontada, mas deveria ser ressaltada como permanece atual. Isso porque os desafios ambientais da época de CM recrudesceram e a Amazônia permanece ameaçada[9], o desenvolvimentismo só aumentou (inclusive durante a "Era Lula" –

9 Vide o caso Belo Monte e toda sua repercussão (OLIVEIRA, 2012).

cf. BOMFIM, 2010) e os elementos que envolvem conflitos de interesse na temática ambiental reapareceram, mas na verdade são novas roupagens da mesma estrutura: manutenção de poder e busca de valorização do capital (MÉSZÁROS, 2002).

3.1 A REVELAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: CHICO MENDES CONTINUA VIVO

A pesquisa de campo foi importante também porque foi desvelando entendimentos desde as causas e sobre o próprio desenrolar que levou CM à morte, até como influencia até hoje a política e a vida das pessoas. Na verdade, são as forças que permanecem em disputa até hoje no Acre, cada uma tentando diminuir ou aumentar a força do legado, do mito e do mártir, em consonância com seus próprios interesses e posicionamento dentro da política local.

Essa pesquisa *in loco* teve inicio em janeiro de 2013, no Município de Xapuri, conhecida, no Seringal Cachoeira. A área, hoje de preservação ambiental, foi o motivo de disputa entre os fazendeiros e CM. A família de CM vive até hoje lá, ainda extraindo látex e castanha. Cabe ressaltar que o Seringal Cachoeira é modelo de sustentabilidade no estado do Acre.

Em Xapuri, CM é mais reconhecido como herói. Há o cenário onde se passou a história de vida e morte de CM e tudo que está no em torno dessa história, de uma forma que seja apresentável aos visitantes das demais regiões brasileiras e do exterior.

Antes mesmo de chegar, presenciamos uma situação semelhante ao que CM vivenciou. Posseiros faziam “empates” na estrada, lutando pelo direito de ficarem nas terras. Vinte e cinco anos depois, acontecia no mesmo estado, a mesma batalha, e pudemos testemunhar. Quatro horas depois, finalmente a estrada foi aberta e seguimos para o destino. Chegando ao seringal, conversei com um dos primos de CM, Nilson Mendes, que iniciou o assunto contando a história de Chico, reforçando o que é contado há 25 anos pelos livros de história e jornais. Depois de um dia inteiro no Seringal, fui para o centro de Xapuri para tentar encontrar com outros personagens dessa história. Entrevistamos um político (que chegou a participar da prefeitura) de Xapuri, à época da morte de Chico. Não cabe revelar sua identidade porque assim foi solicitado. Ele não quis falar muito e ficou nítido o medo que ainda ronda essa história. Seguindo o roteiro, encontrei um primo de Chico, no centro de Xapuri (que também não revelaremos o nome). Esse primo estava acompanhado de um professor da área rural, que ficou muito tenso quando retomamos no assunto da morte de CM, de como ela aconteceu. Seu nervosismo aumentou no momento em que dois homens da

oposição aos seringueiros entraram no restaurante. O professor então solicitou que fosse interrompida a nossa conversa. Como esse assunto de 25 anos atrás, depois de tanta repercussão, depois de seu desenvolvimento nos tribunais e na mídia, poderia causar ainda um tipo de situação tão tensa e intensa?

Apesar disso, tentamos seguir com o trabalho, naquele momento, mas pesquisar a trajetória de CM no município de Xapuri, continua sendo delicado e difícil. Muitas versões existem a respeito de CM. Para alguns, ele ainda é herói e morreu devido sua luta contra os fazendeiros e em defesa da floresta e dos seringueiros. Outros tentam colocar CM como um oportunista que se aproveitou da luta dos seringueiros para se promover politicamente e se candidatar a vereador.

Há quem diga ainda, que sua morte nada teve a ver com o movimento e luta contra os fazendeiros latifundiários, mas o fato é que com sua morte, os agentes políticos não podem ficar imunes à sua influência, de um jeito ou de outro; segundo Zuenir Ventura (2003, p.226):

> Quanto ao fortalecimento da luta, essa é uma discussão interminável, no meio da qual, de uma maneira ou de outra, todo mundo lamenta a perda do grande líder, inclusive os adversários. Os fazendeiros lastimam que com sua morte tenha se criado um mártir; os seringueiros choram a morte do mártir.

No entanto, entre tantas versões, ainda sim a história que todos conhecem e que os livros trazem é a mais forte e resistente. Talvez um historiador pudesse encontrar outra história, talvez mais verdadeira, mas teria que enfrentar muitos acréscimos, dos dois lados, dos que querem exaltar o mito Chico Mendes e do querem diminuí-lo.

O clima no município de Xapuri, hoje, ainda é tenso. Alguns ainda demonstram medo de falar sobre o ocorrido em 22 de dezembro de 1988 e quem concorda em falar toma cuidado com as palavras, a quem as passa e com quem passa por perto. O que não se pode negar é a importância de CM após a sua morte. De acordo com Nilson Mendes (*apud* Ventura, 2003, p. 226): “a ausência de Chico transformou uma liderança forte em muitas lideranças”.

Em 2013, o Governo do Estado do Acre organizou um evento denominado “Chico Mendes vive mais 25”. O momento foi aproveitado para se discutir a respeito do legado de CM e pra mostrar tudo que vem sendo feito em prol da floresta amazônica e dos povos da floresta, no sentido de que seus ideais não foram mortos quando ele foi assassinado, e seus filhos e demais ambientalistas mantém vivos os objetivos de Chico. Definitivamente, Chico ainda vive por aquelas bandas.

3.2 ENFIM, QUE CHICO MENDES PARA AS ESCOLAS?

Diante dos 25 anos de morte do líder seringueiro, busquei saber se alunos no Rio de Janeiro e no Acre conhecem, sabem de que forma a figura, a história, a luta de CM e como em relação à questão ambiental. Essa etapa do trabalho buscou gerar evidências sobre a presença dessa temática no ensino. Foi um momento de grande esforço, em que aplicamos 276 questionários. Foram 55 questionários aplicados no Instituto Federal do Acre, sendo 35 com alunos do campus Rio Branco e 20 com alunos do campus Xapuri; 41 questionários aplicados no Instituto Federal do Rio de Janeiro com alunos Campus Nilópolis[10] e 180 questionários aplicados no Colégio Pedro II, com alunos do Campus Engenho Novo II. A faixa de idade dos alunos variou de 14 a 35 anos.

No questionário perguntamos se conheciam Chico Mendes (Pergunta 1, Tabela 1) e como o conheceram ou ouviram falar (Pergunta 2, Gráfico 1).

Tabela 2: Alunos que conhecem ou ouviram falar de Chico Mendes

	Conhece	Não conhece	total	IF	% CONHECE	% NÃO CONHECE
IFRJ total Nilópolis	18	23	41	IFRJ total Nilópolis	44	56
IFAC Rio Branco	31	4	35	IFAC Rio Branco	89	11
IFAC Xapuri	20	0	20	IFAC Xapuri	100	0
CP2	43	137	180	CP2	24	76
total	112	164	276	total	41	59

Chico Mendes é conhecido por 93% dos 55 alunos do IFAC que responderam aos questionários aplicados, e por apenas 44% dos 41 alunos do IFRJ participantes e por 23 % dos alunos do CP 2, indicando um conhecimento bastante regionalizado, quer dizer, só no Acre a maioria dos alunos conhece. O mais surpreendente é o Colégio Pedro II, com um perfil de alunos favoravelmente diferenciados em relação a outras escolas públicas, alcançar apenas 23% de conhecimento sobre CM. No Acre, todos os 20 alunos (100%) de Xapuri, e 31 (89 %) dos alunos de Rio Branco registraram conhecer sua história e legado. Poderíamos considerar uma obviedade que quanto mais próximo de onde CM viveu mais se conheceria a seu respeito, mas o surpreendente (negativamente) é saber que alunos dessas escolas públicas elitizadas (IFRJ e CP 2) saibam tão pouco desse personagem.

Cabe aqui, atentar para a disparidade entre alguns valores apresentados no gráfico e os dados do corpo do texto. O gráfico levou em conta o numero de respostas “sim” e “não”. Mas

[10] Estes foram aplicados pela bolsista Flora Gomes de Oliveira da Silva, bolsista do Grupo de Pesquisa em Trabalho-Educação e Educação Ambiental do IFRJ, a quem muito agradecemos.

fazendo uma análise subjetiva, identificamos que os alunos do IFAC, pela proximidade com a história e até mesmo com o envolvimento nela, interpretou a pergunta "Conhece Chico Mendes?" como sendo uma pergunta direta, de cunho pessoal, onde o que se queria saber fosse se conhece ou conheceu pessoalmente. Lendo as respostas seguintes, que muitos mesmo tendo respondido não na primeira pergunta como orientados, percebemos que eles conheciam e que tinham feito confusão ante a pergunta.

Diante disso, identificamos um erro estratégico, de confecção de ferramenta de pesquisa, e retratamos os dados de forma subjetiva.

De acordo com o observado após a tabulação dos dados, estes conhecimentos foram originados de cinco fontes diferentes: pela mídia, pela "sociedade próxima[11]" (ou comunidade), pela escola, por visitas a espaços educativos não-formais como museus ou parques e ainda por propaganda política.

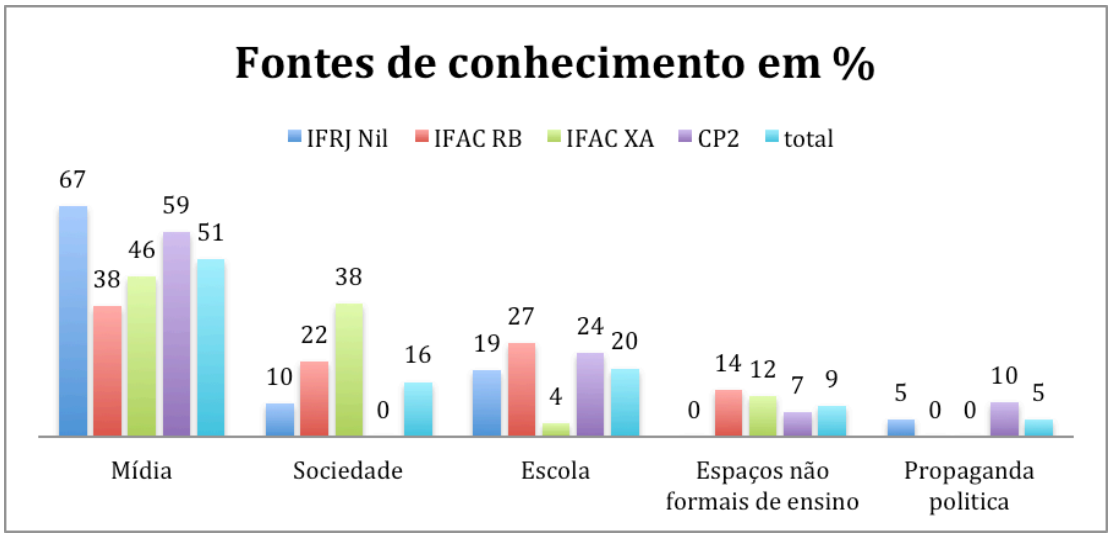

Gráfico 1: Como conheceram ou ouviram falar de Chico Mendes.

O gráfico acima mostra a estratificação destas fontes, em porcentagem, de relatos obtidos em cada escola, de onde os alunos teriam apreendido algo sobre CM. Em todas as escolas a fonte mais citada de informações foi a 'mídia', que é amplamente majoritária nos escolas do Rio de Janeiro, enquanto que no Acre os relatos advindos da 'sociedade' mais próxima ou comunidade são mais frequentes e dominam amplamente os relatos dos alunos do Campus Xapuri do IFAC. E o mais importante a ser destacado é que as informações sobre CM advindas da "escola" possuem pouca expressão (apenas 4% em Xapuri, 27% em Rio

11 "Sociedade próxima" ou "comunidade" seriam para os casos em que o conhecimento sobre CM tenha vindo dos familiares, amigos, vizinhos, pessoas próximas, pertencente ao mesmo círculo de convívio ou muito próximo.

Branco e 19% em Nilópolis e 24% no CP2). Visitas a museus (casa de Chico Mendes, Museu Chico Mendes) e parques (espaços não-formais) foram citados no Acre e no CP2, mas estão em quarto lugar como fonte de informação; e "propaganda política" foi citada como fonte no IFRJ e no CP2. Na verdade, com essas informações são advindas de uma pergunta aberta, foi necessário um entendimento melhor sobre o que os alunos quiseram dizer sobre "propaganda política", o que foi esclarecido com os alunos que assim responderam, trata-se de uma propaganda política de um partido político que há pouco havia utilizado seu espaço gratuito na imprensa (próximo da época da aplicação do questionário) e havia mencionado a história de CM. No geral, podemos inferir que é a 'mídia' a grande responsável pela divulgação sobre quem seria Chico Mendes, e quando mais nos aproximamos de Xapuri é a 'sociedade próxima' (comunidade) quem mais dispôs desse conhecimento. A escola (seja através dos professores, livros didáticos, eventos, etc.) só contribuiu com 20% do conhecimento sobre CM. É muito pouco, considerando que "meio ambiente" é uma proposta de tema transversal para escola (desde os PCN). Na verdade, parece ser uma escolha das escolas, que prefere outros heróis, mártires e personagens históricos.

Quanto ao que os alunos responderam sobre CM e sua relação com a Educação Ambiental, fizemos o levantamento e a quantificação do total das palavras usadas pelos alunos dos quatro Campi estudados nas três escolas e quais delas aparecem com maior frequência, como pode ser visto nas nuvens de palavras (a seguir).

As "nuvens" alcançadas com o programa *Wordle* confirmaram que a relação dos alunos do Acre (Rio Branco e Xapuri) com a história e o legado de Chico Mendes é mais marcante e detalhado do que no Rio de Janeiro. Como dissemos acima, isso era até esperado, mas o curioso e a novidade seria obter o que o IFRJ (Nilópolis) e o CP2 nos dariam?

Ao olharmos a figura abaixo, a primeira coisa que nos salta aos olhos, é que a palavra Amazônia aparece apenas nas falas dos alunos do Rio de Janeiro, enquanto que os alunos do Acre, tanto de Rio Branco quanto de Xapuri, citam mais a palavra floresta. Já no Colégio Pedro II, o que mais aparece é a palavra Recursos.

Figura 1: nuvens de palavras, a partir das resposta dos alunos das escolas (IFRJ, Rio Branco, Xapuri e CP2).
Fonte: Elaboração própria, a partir do programa *Wordle*, disponibilizado em www.wordle.net.

No IFRJ os saberes dos alunos a respeito da figura de Chico Mendes e seu legado se expressam majoritariamente por "Amazônia", "ambientalista" e luta pela "preservação da floresta", no CP2, o destaque para "recursos" pode estar sugerindo uma forma de compreensão sobre o que se quer da natureza, vale uma reflexão atenta para isso, pois essa escola (CP2) é a mais central (urbana) das três, está na segunda maior cidade do país. Talvez no CP2, a natureza distanciada do homem, sirva apenas para prover recursos, por conta disso é que uma Educação Ambiental se faça mais preservacionista. Enquanto que os conhecimentos dos alunos do IFAC são mais ampliados, versando sobre a vida pessoal, a história de lutas e o contexto político e social da "causa ambiental". Porque não teria como ser diferente, próximo da floresta os homens conquistam seu sustento, lutam entre si e morrem.

Outro item importante revelado pelas nuvens, foi perceber que a palavra seringueiro (ou seringueiros, no plural) teve grande destaque em Xapuri e Rio Branco, indo ao encontro à própria característica tão enunciada pelo próprio CM: que sua luta, antes de tudo, era pelos seringueiros, pelos "povos da floresta" e depois convergia na luta pelo meio ambiente. Os alunos do Acre também possuem essa representação, semelhante ao que o próprio CM possuía de si mesmo.

Talvez não chega a ser decepcionante, mas o resultado dessas nuvens demonstrou que foi exatamente onde se dá nossa atuação (quanto professora), no CP2 que: 1) menos se

conhece sobre Chico Mendes; 2) onde a compreensão sobre a Questão Ambiental (ligada a CM) é menos social, menos política, provavelmente mais conservacionista, biocêntrica, e desenvolvimentista (onde a natureza, quanto "recurso" chega ao máximo a dimensão de explorar demasiadamente). O que nos fez entender, quanto um trabalho, muito próximo aos alunos seria importante.

Por curiosidade, fizemos também uma "nuvem" desta própria dissertação, chegamos à seguinte imagem:

Figura 2: Nuvem deste próprio trabalho: Chico Mendes e sua contribuição para a Educação Ambiental.
Fonte: Elaboração própria, a partir do programa *Wordle*, disponibilizado em www.wordle.net.

Provavelmente, a principal inferência que podemos obter com esse estudo é que exatamente uma "Educação Ambiental Conservadora" (biocêntrica, tecnicista, apolítica, preservacionista que desconsidere a relação homem e natureza é a-histórica) é a que mais abre mão da história de Chico Mendes, mas que uma Educação Ambiental que se pretende Crítica não pode prescindir dele. Em nossa "nuvem", as palavras "Chico", "Mendes", "Educação", "Ambiental" se destacam e a seguir "alunos", "trabalho", "seringueiros", "floresta", "história" e "escolas"... Provavelmente, também é essa relação que queremos levar para escola, de como uma história local pode se tornar universal, de como a luta de homens e mulheres distantes pode ser a de todos e que a Educação formal não pode prescindir disso.

Depois de tabulados e analisados os dados, começou o trabalho de construção de material didático para tentar reverter o quadro de fontes de informação e contribuir com a construção de uma Educação Ambiental Crítica, que, não por acaso, era a essência das ações de CM. Essa etapa aconteceu de forma sequencial, onde as ideias foram sendo desenvolvidas junto com os estudantes do 1º ano e 3º ano do ensino médio do Colégio Pedro II, *campus* Engenho Novo II, onde lecionamos a disciplina de geografia (e que constituirá nossa outra contribuição: um "produto educacional").

4 A CONSTRUÇÃO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL COM PROTAGONISMO JUVENIL

> Atenção jovem do futuro,
> 6 de Setembro do ano de 2120, aniversário ou centenário da Revolução Socialista Mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem… Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos; que eu mesmo não verei mas tenho o prazer de ter sonhado. (Chico Mendes em 1988 em PAULA e SILVA, 2006).

Com o que alcançamos com a dissertação (o conhecimento sobre Chico Mendes, sua relação com a Educação, sua luta ligada à Educação Ambiental Crítica, sua permanência em questões políticas atuais, sua ausência na escola...) fomos produzir um "produto educacional" (exigência de nosso Mestrado Profissional) que pudesse, ao mesmo tempo: obter o protagonismo dos jovens (os alunos do CP 2) em sua construção, assim como servisse como modelo no futuro para ações de outros docentes e discentes. Para isso, ainda que no início nada estivesse claro, porque não sabíamos direito o que iriam desejar os jovens, como também o que iriam construir conosco, tomamos a decisão de registrar o que íamos fazendo, com anotações em nosso "caderno de pesquisa" (nosso diário de bordo), para que em breve tivéssemos ao menos um bom material sobre essa experiência. Por fim, vai ser exatamente contar esse processo que acabou se transformando nosso "produto educacional" final, um pequeno livro com essas experiências, mas deixando espaços para novas reflexões que, porventura, outros professores terão ao manuseá-lo. Cabe aqui, a informação de que o "produto educacional" vai acoplado a esta dissertação.

Durante o primeiro trimestre avaliativo do Colégio Pedro II, abordamos com o 1º ano do ensino médio a temática ambiental e com o 3º ano do ensino médio os conflitos pela terra. Nas turmas de 1º ano, iniciamos com uma pesquisa sobre o que os alunos conhecem e entendem sobre a relação do homem com o meio ambiente. Pedi a eles que traduzissem em desenho esse conhecimento. O que se observou de imediato, foi a dificuldade que eles tinham em se expressar de forma não literal. Todos os alunos apresentaram dificuldade em executar a atividade. Depois de um tempo, eles realizaram o que foi pedido e o que observamos foi quase uma unanimidade de imagens com o mesmo significado: o homem separado do que os alunos entediam por natureza, vendo os recursos naturais como objeto de exploração. Essa ideia era o que imaginávamos encontrar. Depois desse diagnóstico, foi introduzido o material

confeccionado composto de slides de apresentação de imagens e conceitos relacionados à temática; e um vídeo com o filme "Chico Mendes: o preço da floresta" (ASTIZ, 2008). Foram ministradas aulas trazendo a visão de CM sobre a floresta, as diferentes visões acerca da dimensão ambiental, sempre buscando contextualizar e criar debates onde os alunos participassem, visando a mudança de pensamento deles. Já com o 3º ano do ensino médio, foi trabalhado a questão agrária, pontuando os conflitos pela terra e a expansão das fronteiras agrícolas e contextualizando as ações de CM no cenário nacional em que ele viveu, lutou e morreu. Com esse conteúdo, buscamos envolver os alunos no projeto de pesquisa, não somente isso, desejamos lhes dar protagonismo. Na direção que Pedro Demo aponta:

> (...) [Para que] o aluno aprenda a pesquisar, questionar, reelaborar a questão ambiental na condição de sujeito. Precisa aprender a argumentar e a contra-argumentar e a propor e a contrapropor. Precisa entender que é possível mudar, desde que ele mesmo seja protagonista desta mudança (2010, p.5).

Essa sequência didática que iniciou com um desenho, a partir de um conhecimento prévio dos alunos sobre as influencias dos ideais de CM, teve duração de aproximadamente dois meses e meio e convergiu para a construção de um vídeo, proposto pelos alunos do 1º ano do ensino médio, turno matutino, que tiveram acesso ao material produzido por nós. Nesse vídeo, eles entrevistaram seis alunos, três do turno matutino e três do turno vespertino. O objetivo era mostrar a diferença de pensamento sobre a questão ambiental depois do contato com o material produzido e aplicado na sala.

Outras ferramentas foram utilizadas para avaliar a eficácia do material e da sequência didática montada. Durante a semana de avaliação, eles foram submetidos a uma questão desafio, onde lhes foi pedido que fizessem uma paródia de uma música, usando os elementos trabalhados em sala com o intuito de analisar a mudança do pensamento deles. O resultado foi algo divertido, delicioso e lindo. Tudo isso é retratado no produto educacional final, mas vale adiantar que a união entre arte, debate e reconstrução histórica permitiu, não somente uma fixação da matéria dada, mas uma apresentação diferenciada, que demonstrou criatividade, inteligência e (o que perseguimos aqui:) criticidade.

Diante desse resultado, acho que posso afirmar que o objetivo de nossa proposta de sequencia didática foi alcançado. Elaboramos materiais educativos complementares para introdução do legado de CM nas atividades de ensino, a serem disponibilizadas para os profissionais de educação. Tal material, pode e deve ser adaptado e aproveitado para se trabalhar diferentes conteúdos em diferentes disciplinas.

Em virtude da carência de materiais educativos que trabalhem a história de Chico Mendes, nos dispusemos a preparar uma proposta, em caráter de sugestão de trabalho, para que professores de geografia, meio ambiente e áreas afins, possam se apropriar e testar essas ideias em diferentes contextos.

Para continuar nesse processo, de apreender da melhor maneira possível e criticamente esse novo conteúdo de Educação Ambiental, dentro das aulas de geografia, criamos uma espécie de cartilha virtual (como sendo um material paradidático) "Aprendendo com Chico Mendes", nome usado também no produto final. Este trabalho foi inspirado numa proposta do (BARROS; DINIZ; ARAÚJO-JORGE, 2014) [12] Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Esse material foi utilizado durante a sequencia didática pensada para esse trabalho. É um material composto de teorias compiladas, slides, vídeos, textos para serem trabalhados em sala, desenhos dos alunos e paródias musicais. Todos os materiais foram testados em sala. Num primeiro momento, chegamos a pensar que este poderia ser nosso "produto educacional", mas isso se mostrou insuficiente, porque exatamente o que mais queríamos não ficaria presente: o protagonismo dos alunos. Assim, ele passou apenas a ser parte de longo processo que levamos e construímos junto dos alunos, de uma EA-crítica.

De todo modo, a cartilha virtual auxiliou o desenvolvimento de atividades participativas e interativas em salas de aula, nas escolas. Foram apresentadas sugestões de atividades que trabalhassem com as ferramentas de estimulo à criatividade, comuns ao desenvolvimento da arte e da ciência: observar, imaginar, abstrair, reconhecer e formar padrões, fazer analogias, pensar com o corpo, ter empatia, pensar de modo dimensional, criar modelos, brincar, transformar e sintetizar (BARROS; DINIZ; ARAÚJO-JORGE, 2014). Buscou-se promover o diálogo entre a ciência e a arte entre os alunos (e potencialmente a outros professores, caso venham a fazer uso desse material).

Considerando nosso exercício do magistério em geografia e meio ambiente, conseguimos perceber que com o uso e análise de diferentes materiais didáticos, a formação para uma educação ambiental crítica acontece, mesmo que com algumas incompletudes, como a insuficiência de mais e diferentes materiais didáticos, como também o próprio desconhecimento dos docentes em relação à Educação Ambiental (que não seria tarefa apenas

---

[12] O LITEB disponibiliza esse material exatamente para ser utilizado para fins didáticos (como o que fizemos), desde que devidamente seja assegurada sua citação: BARROS; DINIZ; ARAÚJO-JORGE, 2014. Disponível em: http://www.fiocruz.br/ioc/media/Com%20Ciencia%20e%20Arte%20na%20Escola%205.pdf. No caso, não utilizamos diretamente o material, mas o adaptamos para a questão ambiental e Chico Mendes.

dos professores de geografia e biologia, por exemplo, mas de todos, por se tratar de um tema transversal).

Com isso, o objetivo de nosso livro, nosso produto educacional, é o de proporcionar aos professores, um material para se trabalhar à Questão Ambiental, mesmo que inicialmente para o contexto Amazônico, porque lá se deu a luta de Chico Mendes, mas muito mais porque se refere a problemática política, econômica e social da realidade brasileira. Essas lutas são pela defesa da floresta e de seus atores, mas também são universais. E que o resgate de ações e conhecimentos tradicionais, guardados na história, podem propiciar aos educandos uma formação crítica acerca desse assunto.

CONSIDERAÇOES FINAIS

Ao longo desses dois anos de trabalho, percebemos que pouco se fala de Chico Mendes no Brasil, fora da realidade Amazônica, no caso. Inserir personagens importantes, como foi CM, no conteúdo programático permite que alunos possam compreender melhor capítulos da história, comumente obscuros. E mais, resgatar essa memória acabou por contribuir para a formação de um pensamento crítico, não somente para os alunos, mas para nós também. A partir do estudo sobre Chico Mendes e suas ações, foi possível desenvolver, com participação efetiva do corpo discente, um material coletivo rico, não exatamente em conteúdo, mas de criatividade, de esperança, de mensagem... Itens que poderão ser (e desejamos que sejam) utilizados por outros professores e adaptadas a outros conteúdos e realidades.

Contar com criatividade dos alunos, contribuiu de forma primordial para os resultados finais desse trabalho, esta dissertação e a confecção do produto educacional (material que consta acoplado e que dialoga de forma independente com o leitor).

No fim, dos muitos elementos que alcançamos ao trazer de volta o Chico Mendes, acompanhando-o novamente, agora no presente e com nossos alunos, podemos dizer que a Educação vale a pena! Valeu para Chico Mendes, valeu para nossos alunos e ainda vale muito para nós...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luiz Edmundo Vargas (org.), Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia: O Desafio da Construção. In: *Educação para a vida*. Paraná, Ed do livro técnico18p. 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Adalgiza Martins de; BIGOTTO, José Francisco; VITIELLO, Marcio Abondanza. *Geografia sociedade e cotidiano:* espaço brasileiro, volume 2, 4. Ed. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

ALLEGRETTI, Mary Helena. A Construção Social de Políticas Ambientais – Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros, 827p., mm. *Tese de Doutorado* – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. 2002

ALLEGRETTI, Mary Helena. A Construção Social de Políticas Ambientais – Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros. *In: Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 39-59, jul./dez. 2008. Editora UFPR.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. *Direitos à floresta e ambientalismo:* Seringueiros e suas lutas. RBCS Vol. 19 nº. 55 junho/2004

ANTUNES, Paula. Alguns traços da trajetória de Chico Mendes. Alguns traços da trajetória de Chico Mendes. *Rev. Univ. Rural, Sér. Ciênc. Humanas*. Vol. 24 (1-2): 173-192, Jan/Jun. 2002.

ARANHA, C.; PASSOS, E. A Tecnologia de Mineração de Textos. In: *RESI-Revista Elerônica de Sistemas de Informação*, FAECLA, Campo Largo, Paraná, Nº2, 2006. Disponível em: http://revistas.facecla.com.br/index.php/reinfo/article/viewFile/171/66. Acessado em julho de 2014.

ASTIZ, R. (Diretor). *Chico Mendes, o preço da Floresta*. Vídeo-documentário. 43 min. 2008. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_c-BfipCgig. Acessado em maio de 2013.

BARROS, M. D. M.; DINIZ , P. G .Z.; ARAUJO-JORGE, T. C. Descobrindo ciências em letras de músicas 5- Saúde/ Orientação Sexual/ Meio Ambiente em oficinas dialógicas de música. Com Ciência e Arte na Escola. *LITEB/IOC/Fiocruz*. Rio de Janeiro, 10p, 2014. Disponível em: http://www.fiocruz.br/ioc/media/Com%20Ciencia%20e%20Arte%20na%20Escola%205.pdf. Acessado em julho de 2014.

BOMFIM. A. M. O (Sub)Desenvolvimento (In)Sustentável: A Questão Ambiental nos países periféricos latino-americanos. In: *Trabalho Necessário*, Rio de Janeiro, ano 8, n° 10. Rio de Janeiro, UFF, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental, UNESCO. *Vamos Cuidar do Brasil:* conceitos e práticas em educação ambiental na escola, 248p., Brasília, 2007. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*, 2000.

CARDOSO, D. Viúva convive com os assassinos de Chico Mendes no AC. Jornal *Estado de São Paulo*. 03 de setembro de 2010. Disponível em: http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,viuva-convive-com-assassinos-de-chico-mendes-no-ac,605008. Acessado em julho de 2014.

CAVALCANTI, Clóvis (org.), DESENVOLVIMENTO E NATUREZA: *Estudos para uma sociedade sustentável.* Instituto de Pesquisas Sociais**,** Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil. 1994. P. 262. Disponível em: HTTP://168.96.200.17//ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf

CHICO MENDES. *Chico Mendes em 1988*, palestra proferida ao departamento de geografia da USP. 1988. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=S5_hUt-mvhk. Acessado em julho de 2014.

_____. Biografia. Instituto Chico Mendes. Disponível em: http://www.chicomendes.org.br/Biografia/bio2.html. 1988b. Acessado em julho de 2014.

CORRÊA, Ana Karolina Ferreira et al. Acre: entre o fuzil e a borracha. *Revista Discente Expressões Geográficas*, nº 06, ano VI, p. 19 – 40. Florianópolis, junho de 2010. www.geograficas.cfh.ufsc.br

CUNHA, Cláudia Conceição. *Reservas Extrativistas:* institucionalização e implementação no Estado brasileiro dos anos 1990 / Cláudia Conceição Cunha. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

DE DECCA, E. *O Silêncio dos Vencidos.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEMO, P. *Saber pensar é questionar*. Editora Liber. Brasília. 2010.

ÉBOLI, E. Ruralistas se negam a homenagear Chico Mendes na Câmara. Jornal *O Globo*. 15 de outubro de 2013. Disponível em: http://oglobo.globo.com/brasil/ruralistas-se-negam-homenagear-chico-mendes-na-camara-10366111. Acessado em julho de 2014.

ESTADÃO. Viúva convive com os assassinos de Chico Mendes no AC. In: *ESTADÃO*. Disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,viuva-convive-com-assassinos-de-chico-mendes-no-ac,605008,0.htm. Acessado em março de 2013.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. *Do "manso" ao guardião da floresta*. Rio Branco: Edufac, 2010, 212p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. *Do Ecodesenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável:* Evolução de um conceito. In: *Proposta*, 25(71):5-10.1997.

LIMA, Cristiane Cavalcante; MOURÂO, Arminda Rachel Botelho. A Representação Social da Educação Ambiental: a visão docente no curso de pedagogia. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. *Educação ambiental crítica:* do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009

LOUREIRO, C. F. B. ambiental e teorias críticas. In: GUIMARÃES, M. (Org.). *Caminhos da educação ambiental:* da forma à ação.Campinas: Papirus, 2006.

LOUREIRO, C. F. B.; TREIN, Eunice; TOZONI-REIS, Marilia Freitas de Campos; NOVICK, Victor. *Contribuições da Teoria Marxista para a Educação Ambiental Crítica.* Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 81-97, jan/abr 2009. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br

LÖWY, M. *Ecologia e Socialismo.* São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, E. *Chico Mendes: Um povo da floresta.* Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 1998.

MEDEIROS, Heitor Queiroz de. Educação ambiental na temporalidade do Acre: um olhar sobre a heterotopia de Chico Mendes. *Tese de Doutorado*, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

MEIRA, Silvio de Bastos. A Epopéia do Acre. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1974.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital.* Campinas - SP: Boitempo, 2002.

MICHAELIS: *Dicionário escolar língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

OLIVEIRA, M. A. Justiça determina suspensão de obras da usina de Belo Monte. In: *G1*. 14/08/2012. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/08/justica-determina-suspensao-das-obras-da-usina-de-belo-monte.html. Acessado em março de 2013.

PALMER, J. A. *50 grandes ambientalistas, de Buda a Chico Mendes.* São Paulo, ed. Contexto, 2006

PAULA, Elder Andrade de. *(Des) Envolvimento Insustentável na Amazônia Ocidental:* dos missionários do progresso aos mercadores da natureza. Rio Branco: Edufac, 2013. 452p.

_____; SILVA, Silvio Simione da. *Movimentos Sociais na Amazônia brasileira:* vinte anos sem Chico Mendes. Revista NERA Presidente Prudente Ano 11, nº. 13 pp. 102-117 Jul.-dez./2008.

_____; SILVA, Silvio Simione da (orgs.). *Trajetórias da luta camponesa na Amazônia-Acreana*. Rio Branco, Acre: EDUFAC, 2006.

RODRIGUES, Ademir Pereira. *Projeto Seringueiro:* Relato de uma experiência. 2013.

SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. *Chico Mendes:* a trajetória de uma liderança. São Paulo em Perspectiva, 6 (1-2): 175-186, janeiro/junho 1992.

SOUZA, M. *O Empate contra Chico Mendes*. Editora Marco Zero, São Paulo – SP, 1990.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VEJA [PEREIRA, Camila]. Entrevista a Eric Hanushek: Educação é Dinheiro. In: *Revista Veja.* São Paulo: Editora Abril. 17 de setembro de 2008.

VASCONCELOS, Valéria Oliveira et al. Educação Popular e Meio Ambiente: diálogos com populações tradicionais amazônicas. *Ambiente e Educação*, vol. 15(1). 2010

VENTURA, Z. Chico Mendes: *Crime e Castigo*: Quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

WACHTEL, Nathan. A versão dos Vencidos. *Revista de História.com.br.* 02 de janeiro de 2012. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/a-versao-dos-vencidos. Acessado em julho de 2014.

ANEXO I

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

Questionário de Pesquisa

Colégio: _____

Curso: _____

Idade: _____Série: _____ Turma: _____

Cidade / Estado:_____

1) Você conhece Chico Mendes?
( ) Não
( ) Sim

Se você respondeu sim na pergunta anterior, complete o questionário, se respondeu não, entregue ao pesquisador.

2) Como você o conheceu?

_____
_____
_____
_____

3) O que você sabe ou ouviu sobre Chico Mendes?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

4) Há relação entre Chico Mendes e a questão ambiental? Qual?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____